

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): SAMIRA DIAS GONÇALVES, MARIANNE SILVA SOARES, JULIA COLEN SANT ANA, LUDMYLA ANDRADE COSTA, VIVIANE DIAS SOUTO, ANTONIO CARLOS FERREIRA, ANA PAULA HOLZMANN

Atitudes e Práticas de universitários relacionadas ao risco e prevenção de Hepatite B e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis

Introdução

As hepatites virais e demais Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), constituem atualmente como sério problema de saúde pública no Brasil e no mundo, distribuindo-se de maneira universal, atingindo vários segmentos da população e causando grande impacto de morbidade e mortalidade. De modo geral, são causadas por mais de 30 agentes etiológicos (vírus, bactérias, fungos e protozoários), principalmente, transmitidas de uma pessoa a outra por contato sexual e por via sanguínea. Dentre os fatores de risco destaca-se: relação sexual desprotegida, uso e abuso de álcool e outras drogas, idade e compartilhamento de agulhas e seringas (BRASIL, 2015; CARVALHO *et al.*, 2015).

Em nossa sociedade, a questão das substâncias psicoativas, em especial as drogas consideradas ilícitas, constituem um grave problema social, composto de fenômenos igualmente complexos e por agentes diversos, com posições muitas vezes contraditórias sobre o tema. Assim, além do uso de drogas estar relacionado a fenômenos como a faixa etária e grupos sociais, a epidemia de IST, veio somar-se à atual configuração em que se encontram as substâncias psicoativas como problema social (SILVA; PADILHA, 2016).

A transmissão entre os usuários de drogas se dá pela via sanguínea, por meio de compartilhamento de agulhas, seringas e demais objetos para uso de drogas endovenosas, e pela via sexual. Dessa forma, os usuários de drogas injetáveis (UDI) estão expostos à dupla via de contaminação e se constituem em importantes transmissores do HIV para seus parceiros sexuais, usuários de drogas injetáveis ou não (PECHANSKY *et al.*, 2004).

Apesar de não existirem muitos estudos recentes que abordem de maneira específica a temática abordada, percebe-se uma preocupação mundial em relação ao controle de disseminação das IST. Considerando a importância em verificar possíveis relações dos fatores de risco para ocorrência de IST, o objetivo deste trabalho foi investigar atitudes e práticas de universitários relacionadas ao risco e prevenção de hepatite B e outras IST.

Metodologia

Foi realizado um estudo quantitativo, de corte transversal e de aspecto exploratório. O cenário da pesquisa foi a Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, campus da cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Foram incluídos no estudo os Centros de Ensino que possuem cursos presenciais, sendo eles: Centro de Ciências Humanas (CCH), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCET). A população de estudo foi composta por acadêmicos matriculados nos diversos períodos e cursos presenciais da UNIMONTES, matriculados do 2º semestre de 2015 ao 1º semestre de 2016.

A Amostragem do estudo foi probabilística, por conglomerados e em dois estágios. No primeiro estágio, por amostragem aleatória simples (AAS), foram selecionados 50% dos cursos de cada centro, sendo eles: CCBS, CCH, CCSA e CCET. No segundo estágio, também por AAS, 25% das turmas dos cursos, sorteados no estágio um, foram selecionados para composição da amostra. Por fim, foram convidados a participar do estudo todos os acadêmicos das turmas sorteadas, perfazendo ao final, uma amostra de 655 estudantes.

Para o cálculo do tamanho da amostra foram considerados os seguintes parâmetros: prevalência de 50% para os eventos estudados, uma margem de erro de 5% e um nível de confiança de 95%. Considerando tratar-se de uma amostragem por conglomerados, o número identificado foi multiplicado por um fator de correção (*deff*) de 1,5 e acrescido de 20% para eventuais perdas. Contudo, o tamanho mínimo da amostra foi definido em 646 indivíduos.

O instrumento utilizado foi um questionário composto por 60 questões objetivas abordando dados sociodemográficos, conhecimentos, práticas e atitudes relacionadas ao risco de se infectar com alguma IST. Antes da utilização do instrumento, o mesmo foi submetido a um pré-teste. O questionário foi aplicado por acadêmicas de enfermagem, no início ou término das aulas, em horário previamente agendado com o Coordenador (a) de cada Curso.

Foram incluídos na amostra os estudantes que estavam presentes e que aceitaram participar da pesquisa mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), perfazendo um total de 655. Os dados coletados foram digitados e organizados em planilha do programa *excel* e transferidos para o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) onde foram analisados de forma descritiva.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de iniciação científica, desenvolvido por acadêmicas e professores da Unimontes. Obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes pelo parecer nº 1.293.664.

Resultados e Discussão

Participaram da pesquisa 655 acadêmicos, sendo a maioria do sexo feminino (64%), na faixa etária de 18-21 anos (61%) e média de 23 anos (DP= 7), de cor auto referenciada como parda (52%), solteira (88,1%), pertencente à religião católica (62%) e procedente da cidade de Montes Claros (60,1%).

Atualmente, os jovens são considerados susceptíveis para as IST. Muitos apresentam comportamentos de risco, como iniciação precoce da atividade sexual, múltiplos parceiros sexuais, uso inconsistente do preservativo, consumo de álcool e outras drogas, entre outros. As mulheres apresentam maior vulnerabilidade às IST que a população masculina, devido a fatores biológicos, sociais e de gênero (CARVALHO *et al.*, 2015).

Quanto ao uso de drogas (Tabela 1), 75,4% dos estudantes afirmaram o consumo de algum tipo de bebida alcoólica; 14,1% fazem ou já fizeram uso de maconha; 4,8% de lança-perfume; 4,3% de êxtase; 2,2% de cocaína em pó e 1,1%, de crack e droga injetável. 11% dos entrevistados informaram possuir alguma tatuagem e 10,2% já colocaram *piercing*. No campo das IST, "risco" e "comportamento de risco" estão intimamente relacionados. A transmissão de IST em uma determinada população não se dá aleatoriamente, está sujeita às variações dos modos de interação e crenças de diferentes grupos populacionais. Com isso, o consumo de álcool e outras drogas causam, principalmente aos jovens, que são os mais susceptíveis, a perda da percepção de risco que essas substâncias causam em relação às IST (PEREIRA *et al.*, 2014).

A maioria dos participantes compartilha da opinião de que o uso de drogas lícitas ou ilícitas pode contribuir para o sexo sem proteção (78,9%). O consumo de drogas favorece a adoção de práticas sexuais de risco, tais como, múltiplos parceiros sexuais, prostituição e uso inconsistente de preservativo, aumentando a vulnerabilidade dos usuários às infecções por transmissão sexual (GUIMARÃES *et al.*, 2015). Além das IST, a atividade sexual desprotegida pode causar impactos sobre a vida reprodutiva, principalmente das mulheres, como infertilidade, gravidez ectópica, assim como problemas advindos da transmissão vertical. Para tanto, o uso adequado do preservativo é o método mais seguro e imprescindível na prevenção contra as IST (CASTRO *et al.*, 2016).

Sobre o compartilhamento de objetos, 4,3% dos universitários já compartilharam algum material destinado ao uso de drogas, como canudo, seringa ou cachimbo. Um número considerável de participantes afirmou que compartilha ou já compartilhou alicates de unha (70,2), afastadores de cutícula ou palito de unha (57,5%), lâminas de barbear (34,2%) e escovas de dente (22,7%).

Uma das principais formas de transmissão da hepatite B se dá pela via parenteral e o risco para contrair o vírus está em ascendência em alguns grupos sociais, dentre eles os usuários de drogas intravenosas, os quais compartilham objetos, indivíduos com tatuagem, *piercing* ou que apresentem outras formas de exposição percutânea, como profissionais de consultórios odontológicos, manicures, podólogos, dentre outros (SILVA; PADILHA, 2016).

No quesito Prevenção, apesar da maioria dos participantes referir a camisinha como método que confere maior proteção (88,8%), a frequência do uso do insumo nas relações sexuais não chega a 50%, sendo maior no sexo vaginal (37,8%); seguido pelo sexo anal (32,1%); e por último, pelo sexo oral (10,2%). Assim, não basta apenas saber que o preservativo consiste no método mais seguro para prevenir contra as IST, é preciso colocar o conhecimento em prática, ou seja, fazer uso correto e consistente do mesmo (BRASIL, 2015).

Em relação à prevenção da Hepatite B através da vacinação, a maioria dos universitários (48,7%) não se lembrou ou não soube informar se tomou ou não a vacina. 6,2% dos entrevistados informaram não serem imunizados e 3,2% tomou uma ou duas doses. Apenas 10,3% dos entrevistados informaram que tomaram as três doses da vacina. A hepatite B é uma doença imunoprevenível, a vacina é altamente eficiente e é disponibilizada em serviços de saúde. Qualquer indivíduo que se enquadre nos critérios estabelecidos pelo Ministério da Saúde tem acesso à vacina, a qual possui um esquema vacinal completo de três doses. A vacinação contra o vírus da hepatite B é indicada também aos profissionais da área de saúde, devido às exposições percutâneas ou de mucosas ao sangue de indivíduos infectados pelo vírus. É considerada a principal medida de prevenção contra a hepatite B ocupacional (BRASIL, 2015; SOUZA *et al.*, 2015).

Conclusão

Com base nos dados apresentados, os universitários apresentam uma série de atitudes e práticas de risco relacionadas à hepatite B e outras IST, como uso de drogas, compartilhamento de objetos, realização de tatuagens e colocação de *piercing*. Apesar dos entrevistados conhecerem a relação entre o uso de drogas, prática de sexo sem camisinha e risco de



IST, muitos ainda não colocam em prática esse conhecimento. Quanto à vacinação contra a hepatite B, percebe-se a necessidade de realização de campanhas de conscientização sobre a importância da imunização.

Logo, ressalta-se a importância do levantamento e consolidação de indicadores que possam apoiar políticas e práticas eficazes de prevenção e controle da ocorrência de IST.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT): Atenção Integral às Pessoas Com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília: CONITEC. 2015.103 p. Disponível em: http://conitec.gov.br/images/Consultas/Relatorios/2015/Relatorio_PCDT_IST_CP.pdf. Acesso em: 02 nov 2016.
- CARVALHO, P. M. R. S. *et al.* Prevalência de sinais e sintomas e conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis. *Acta Paul Enferm.* 2015, vol.28, n.1, pp.:95-100. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v28n1/1982-0194-ape-028-001-0095.pdf>. Acesso em: 03 nov 2016.
- CASTRO, E. L. *et al.* O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2016, vol.21, n.6, pp.1975-1984. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232016000601975&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 02 nov 2016.
- GUIMARÃES, R.A.; SILVA, L.N.; FRANÇA, D.D.S.; DEL-RIOS, N.H.A.; CARNEIRO, M.A.S.; TELES, S.A. Comportamentos de risco para doenças sexualmente transmissíveis em usuários de crack. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* jul.-ago. 2015, vol.23, n.4, pp.:628-34. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n4/pt_0104-1169-rlae-23-04-00628.pdf. Acesso em: 05 nov 2016.
- PECHANSKY, F. *et al.* Fatores de risco para transmissão do HIV em usuários de drogas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2004, vol.20, n.6, pp.1651-1660. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000600024. Acesso em: 02 nov 2016.
- PEREIRA, B. S. *et al.* Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. *Ciênc. saúde coletiva* . 2014, vol.19, n.3, pp.747-758. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000300747. Acesso em: 02 nov. 2016.
- SILVA, A. R. S.; PADILHA, M. I. Acadêmicos de enfermagem e seu autocuidado em relação a doenças sexualmente transmissíveis. *Rev Enferm Atenção Saúde*; 2016; vol.5.n.1, pp.:36-50. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/1745>. Acesso em: 02 nov 2016.
- SOUZA, F. O. *et al.* Vacinação contra hepatite B e Anti-HBS entre trabalhadores da saúde. *Cad. saúde colet.*, Rio de Janeiro, 2015, vol. 23, n. 2, p. 172-179. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2015000200172&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 Nov. 2016.

Tabela 1. Uso de drogas e outras práticas de risco para contrair Hepatite B e outras IST, entre universitários.

Práticas de Risco	Não (%)	Sim (%)
Droga		
Bebida alcoólica	24,6	75,4
Maconha	85,9	14,1
Crack	98,9	1,1
Oxi	99,1	0,9
Cocaína aspirada	97,8	2,2
Droga injetável	98,9	1,1
Lança-perfume/loló	95,2	4,8
Êxtase	97,4	2,6
Tatuagem	88,6	11,4
Piercing	89,8	10,2
Compartilhamento de objetos		
Material do uso de drogas (canudo, seringa, caximbo)	95,7	4,3
Alicates de unha	29,8	70,2
Afastador de cutícula/palito de unha	42,5	57,5
Lâminas de barbear	65,8	34,2
Escova de dente	77,3	22,7

Fonte: Dados da Pesquisa.